

**CONCEPÇÕES DE LEITOR, DE LEITURA E DE LITERATURA NO CONTO
MACHADIANO “MISS DOLLAR”**

Débora Bender¹

Juracy Assmann Saraiva²

RESUMO

A partir da segunda metade do século passado, há uma mudança de paradigma nos estudos de Teoria Literária. Surge a Estética da Recepção, preconizada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que atribui ao leitor a co-construção do texto literário juntamente com o autor. Assim, ocorre uma grande modificação de foco na legitimação da literatura, uma vez que ele migra do texto para o leitor. Observando-se as narrativas de Machado de Assis, pode-se perceber que elas são propícias à aplicação desse referencial teórico, pois convocam constantemente o leitor. Com base no que foi exposto acima, o presente trabalho centra-se na análise do conto “Miss Dollar”, de Machado de Assis. O enfoque da pesquisa é a emergência de questões ligadas ao leitor, à leitura e à literatura, fundamentadas na análise na Estética da Recepção. O trabalho é composto de duas etapas: revisão e identificação de fontes bibliográficas no que tange à questão da leitura; análise do processo de representação do leitor, da leitura e da literatura no conto citado.

Palavras-chave: “Miss Dollar”. Machado de Assis. Leitor. Leitura. Literatura. Estética da Recepção.

Desde a Antiguidade até o presente, o estudo da literatura tem ocorrido por meio de diferentes perspectivas, as quais influenciam o modo como se concebe o texto e o processo de leitura. A concepção clássica da literatura centrava-se na

adequação da *mimese* (imitação) ao objeto representado (REIS, 1997, p. 29), mas a partir do século XVII, acresce-se a essa concepção a importância do autor, centrando-se nele o foco das análises críticas (PROENÇA FILHO, 1986, p. 09). Ao longo da segunda metade do século XX, o texto literário passa a ser priorizado e o caráter biográfico e o contexto histórico da Literatura são menosprezados. Nesse âmbito, a partir da década de 60 surge uma nova concepção de literatura, que propõe outra mudança de foco: o leitor se constitui no ângulo central dos estudos críticos, sendo visto como elemento imprescindível para a consolidação do texto. Esses estudos, que originaram a Estética da Recepção – cujos mentores foram Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser – dão ênfase ao trabalho de interpretação do leitor, a quem é atribuída a função de compartilhar da construção do texto literário.

As narrativas de Machado de Assis convocam constantemente o leitor a e são, dessa forma, propícias à aplicação desse referencial teórico, de que é exemplo o conto “Miss Dollar”, em que o receptor é continuamente desafiado a preencher as lacunas que o texto propõe. Essa constatação permite pressupor que Machado de Assis atribuía um importante papel ao leitor, visto que o insere no espaço ficcional, valendo-se, para tanto, de diferentes estratégias discursivas, com as quais, igualmente, instala uma reflexão acerca do processo da criação literária.

A LITERATURA E O PAPEL DO LEITOR

Ao alterarem uma mudança de foco na legitimação da literatura, os estudiosos da Estética da Recepção repensaram o próprio conceito de literatura, repudiando análises centradas na intenção do autor, na significação ou na mensagem da obra e concedendo maior importância ao receptor. Segundo Wolfgang Iser (1996, p.7-8), essa mudança de focalização nos estudos literários foi necessária, “porque a interpretação da literatura cada vez menos comportava o conflito de interpretações diferentes dos textos e cada vez mais era incapaz de refletir sobre eles”. O crítico enfatiza o fato de que cada receptor lê a obra a partir

de suas experiências e do conhecimento de mundo que possui, e ressalta a necessidade de uma maior flexibilidade interpretativa, em se tratando de textos estéticos.

Para que atue interativamente no processo de interpretação, é essencial que o texto seja propício ao envolvimento do leitor, o que se dá por traços específicos da obra literária: a ficcionalidade, o estranhamento, a ambiguidade, as relações intertextuais. A ficcionalidade confere à literatura um estatuto diferenciado, pois “separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação” (CULLER, 1999, p. 39), enquanto a ambiguidade é “um desafio à capacidade do leitor para apreender, no discurso literário, efeitos surpreendentes e sentidos múltiplos” (REIS, 1997, p. 126). O caráter intertextual reside no fato de que as obras literárias “são feitas a partir de outras obras: tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam, repetem, contestam, transformam” (CULLER, 1999, p. 40), provocando o leitor a proceder a leituras verticais, para relacionar as significações sugeridas pelas menções a outros textos com a obra. Assim, imerso na ficção, mobilizado pelo caráter ambíguo da linguagem e pelo diálogo intertextual, o leitor interpreta as lacunas que o texto propõe. Conforme Regina Zilbermann (2001, p. 51), não cabe somente ao leitor o preenchimento de lacunas, mas ele é “convidado a integrar-se no processo de construção da obra, particularizando o processo de entendimento dela”.

Outro aspecto imprescindível relacionado à atuação do leitor na obra literária refere-se ao caráter emancipatório e universal desta. Para os estudiosos da Estética da Recepção, essa característica do texto literário é essencial para que o leitor o transcenda e reflita sobre si e sobre sua vida como ser humano, conforme afirma Zilbermann:

Caracterizando a experiência estética, Jauss explica por que é lícito pensá-la como propiciadora da emancipação do sujeito: em primeiro lugar, liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação na e compreensão da vida prática; e, enfim, é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados. (ZILBERMANN, 1989, p. 54)

O êxito do ato de recepção está relacionado a perspectivas, tanto do autor em relação ao leitor, quanto do leitor em relação ao texto. O autor, no momento da criação, pressupõe um leitor e, a partir dessa suposição, constrói o texto. Assim, pode ser percebida “a imagem do leitor em que o autor pensava, quando escrevia, e que agora interage com as outras perspectivas do texto”. O papel do leitor será determinado por meio da estrutura do texto, pois suas perspectivas “visam certamente a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instruções; o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado” (ISER, 1996, p. 75).

Por outro lado, existe o leitor que espera o atendimento de suas expectativas em relação ao texto. Por meio de referências comuns, ele depreenderá sua função no texto e assumirá seu efetivo papel:

É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte de sentido (ISER, 1996, p. 75).

Wolfgang Iser compara o ato da recepção com um jogo entre o autor, criador do texto, e o leitor, agente de sua recriação:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que ainda há de ser esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. (ISER, 2002, p. 107)

Constata-se, dessa maneira, que o sucesso de um texto depende da capacidade de previsão de seu autor em relação ao receptor, ou seja, “o escritor interessado em seduzir o outro tem de construir hipóteses relativas ao leitor que deseja seduzir” (LAJOLO, 1997, p. 38). Se essa sedução acontecer, haverá a identificação e a empatia do leitor diante do texto. De acordo com Juracy Assmann Saraiva (2004, p. 8), a empatia do leitor em relação aos contos machadianos se explica devido à importância desse agente durante a leitura. O leitor se sente desafiado a recriar sentidos e significações, tornando-se ativo na construção do texto e renovando o prazer da leitura diante das várias “possibilidades interpretativas”.

O LEITOR, A LEITURA E A LITERATURA EM “MISS DOLLAR”

“Miss Dollar”, diferentemente de muitos outros contos de Machado de Assis, não foi publicado em revista ou jornal. Essa narrativa abre a primeira coletânea de contos, *Contos fluminenses*, publicada em 1870, logo no início da carreira do escritor.

Miss Dollar é uma cachorrinha galga, em torno da qual o narrador machadiano cria um mistério, visto que, no início da narrativa, o leitor tem dúvidas a respeito de sua identidade, fato que o leva a pensar que se trata de uma mulher. A cadelinha some de casa, e sua dona, Margarida, põe um anúncio no jornal na esperança que alguém a encontre. Mas, antes mesmo que o anúncio seja publicado, ela já havia sido encontrada pelo médico Mendonça, que muito estimava a raça canina. Ao ler o anúncio, o médico decide logo devolver Miss Dollar a sua dona, por quem ele se apaixona. Através de um amigo, Mendonça descobre que Margarida é viúva e que já tivera cinco pretendentes após a morte do marido, não se casando, entretanto, com nenhum deles. O médico, porém, não perde as esperanças e começa a cortejar a moça, mas não é correspondido. Depois de se declarar para ela em duas cartas e não receber resposta afirmativa, Mendonça deixa de frequentar a casa da amada. Entretanto, um recado intrigante da tia de Margarida, D. Antônia, deixa o médico curioso e impaciente, e ele acaba indo, à noite, à casa da amada, cometendo a gafe de entrar na residência às escondidas. Ele é surpreendido por Margarida à frente de seu quarto. O médico sai envergonhado e está disposto a nunca mais voltar lá. Contudo, no dia seguinte, ele recebe a visita de D. Antônia, que revela que sua sobrinha está apaixonada por ele e que não quer casar-se, porque tem receio de que ele esteja interessado em seu dote. Algum tempo depois, o médico recebe uma carta de Margarida, em que ela escreve que o casamento deles é inevitável, pois ela não pode ficar malvista. Mendonça fica aborrecido e o casamento se realiza, porém sem o entusiasmo dos noivos. Com o tempo, ao contrário do que pensara a moça, os dois passam a se entender e vivem felizes. Miss Dollar, a responsável pela união do casal, morre atropelada.

Já na primeira linha do conto, o leitor é trazido “para dentro do texto” (LAJOLO, 1997, p. 77) por meio do seguinte enunciado: “Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar”³. Após essa “primeira convocação do leitor”, Machado transfere ao narrador a incumbência de propor quatro possíveis tipos de leitor, criando suas representações em consonância com o que cada um deles imaginaria a respeito de Miss Dollar. Essa imagem de Miss Dollar, por sua vez, está relacionada com as leituras dos leitores propostos.

O primeiro leitor concebe Miss Dollar como uma jovem frágil, etérea e contemplativa que ama a poesia e cuja imagem corresponde a do tipo romântico, permitindo daí depreender que ele é um aficionado pelas produções do Romantismo:

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do *roast-beef* britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. Uma tal Miss Dollar deve ter o poeta Tennyson de cor e ler Lamartine no original; se souber o português deve deliciar-se com a leitura dos sonetos de Camões ou os Cantos de Gonçalves Dias. O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro.

A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (p. 123-124)

O segundo leitor, oposto ao primeiro, pressupõe ser Miss Dollar uma mulher robusta, corada, avessa à literatura, voltada para os prazeres do corpo e com o organismo adequado à procriação de muitos filhos. Tal leitor compartilha das premissas das obras do Realismo-Naturalismo, fazendo suas opções de leitura, a partir desse estilo literário:

Suponhamos que o leitor não é dado a estes devaneios e melancolias; nesse caso imagina uma Miss Dollar totalmente diferente da outra. Desta vez será uma robusta americana, vertendo sangue pelas faces, formas arredondadas, olhos vivos e ardentes, mulher feita, refeita e perfeita. Amiga da boa mesa e do bom copo, esta Miss Dollar preferirá um quarto de carneiro a uma página de Longfellow, coisa naturalíssima quando o estômago reclama, e nunca chegará a compreender a poesia do pôr-do-sol. Será uma boa mãe de família segundo a doutrina de alguns padres-mestres da civilização, isto é, fecunda e ignorante. (p. 124)

O terceiro leitor é um tipo prático que não tem qualquer vínculo com as coisas do espírito e, por isso, concebe Miss Dollar como o protótipo da mulher inglesa que, por deter um nome tão claramente expressivo, seria a solução para seu problema financeiro:

Já não será do mesmo sentir o leitor que tiver passado a segunda mocidade e vir diante de si uma velhice sem recurso. Para esse, a Miss Dollar verdadeiramente digna de ser contada em algumas páginas, seria uma boa inglesa de cinquenta anos, dotada com algumas mil libras esterlinas, e que, aportando ao Brasil em procura de assunto para escrever um romance, realizasse um romance verdadeiro, casando com o leitor aludido. Uma tal Miss Dollar seria incompleta se não tivesse óculos verdes e um grande cacho de cabelo grisalho em cada fonte. Luvas de renda branca e chapéu de linho em forma de cuia, seriam a última demão deste magnífico tipo de ultramar. (p. 124)

O último leitor, entretanto, não devaneia em relação à personagem, sendo simples e direto na sua concepção, associando o nome Miss Dollar a sua imagem:

Mais esperto que os outros, acode um leitor dizendo que a heroína do romance não é nem foi inglesa, mas brasileira dos quatro costados, e que o nome de Miss Dollar quer dizer simplesmente que a rapariga é rica (p 124).

Apesar da variedade de leitores e de hipóteses sobre a personagem, nenhuma de suas representações corresponde à de Miss Dollar. O próprio narrador descarta, uma a uma, as hipóteses dos leitores propostos por ele:

A descoberta seria excelente, se fosse exata; infelizmente nem esta nem as outras são exatas. A Miss Dollar do romance não é a menina romântica, nem a mulher robusta, nem a velha literata, nem a brasileira rica. Falha desta vez a proverbial perspicácia dos leitores; Miss Dollar é uma cadelinha galga. (p. 124)

Marisa Lajolo destaca que essa convocação do leitor continua intensamente durante todo o conto, embora o texto esteja principalmente voltado para a narração. Assim como fez as primeiras representações de leitores criados por ele, o narrador continua qualificando e classificando seus receptores, organizando-os de acordo com uma hierarquia que, segundo a autora, pode representar “o esboço de uma história social da leitura na segunda metade do

século XIX brasileiro” (LAJOLO, 1997, p. 79).⁴ Dessa forma, “o patamar mais baixo” é ocupado pelo leitor ingênuo e superficial, que não consegue ler nas entrelinhas: “O leitor superficial conclui daqui que o nosso Mendonça era um homem excêntrico. Não era. Mendonça era um homem como os outros; gostava de cães como outros gostam de flores” (p. 126). O próximo leitor, oposto ao primeiro, é o leitor grave, não dado à imaginação e preso ao racional:

Algun leitor grave achará pueril esta circunstância dos olhos verdes e esta controvérsia sobre a qualidade provável deles. Provará com isso que tem pouca prática do mundo. Os almanaques pitorescos citam até à saciedade mil excentricidades e senões dos grandes varões que a humanidade admira, já por instruídos nas letras, já por valentes nas armas; e nem por isso deixamos de admirar esses mesmos varões. Não queira o leitor abrir uma exceção só para encaixar nela o nosso doutor. Aceitemo-lo com os seus ridículos; quem os não tem? (p. 131-132)

O outro leitor destacado é o sério, respeitável e ilustre: “Algun leitor conspícuo desejaria antes que Mendonça não fosse tão assíduo na casa de uma senhora exposta às calúnias do mundo” (p. 138). Observando essas referências ao leitor no texto machadiano, observa-se que o escritor “orquestra e embaralha os fios da ficção e da realidade, transformando o leitor em personagens, tematizando e encenando os caminhos do envolvimento do leitor com a matéria narrada” (LAJOLO, 1997, p. 80).

Paralelamente às invocações ao leitor e à sua concepção como personagem, o leitor real precisa, durante a leitura da narrativa, enfrentar vários desafios no que diz respeito às recorrentes menções intertextuais e à citação de autores, de fatos históricos da cultura ocidental. Ana Helena Armange (2004, p. 56) destaca que o narrador do conto “tem familiaridade com a história e a filosofia ocidental”, sendo que “essas menções caracterizam as personagens e, ao mesmo tempo, conferem verossimilhança ao narrado, pois remetem a um mundo que a narrativa, fictícia, tem em comum com o leitor real”. Desse modo, o leitor real é imaginado por Machado de Assis, sendo representado, no conto, através do narratário, pois os conhecimentos requeridos para o entendimento da narrativa são os mesmos tidos como indispensáveis “na educação e na vida social da elite brasileira do século XIX” (ARMANGE, 2004, p. 58).

Exemplo disso está na passagem: “– Tudo se explica, disse Mendonça depois de algum silêncio; quer ficar fiel à sepultura; é uma Artemisa do século”⁵

(p. 136). Assim, Margarida é comparada, inicialmente, a Artemísia, pois, embora viúva e jovem, ela não se casa com nenhum dos pretendentes. Desse modo, a alusão à personagem da mitologia grega refere-se ao fato de Margarida respeitar a memória de seu marido.

Exemplo da remissão a fato histórico para a construção da significação do texto pode ser observado no seguinte trecho: “Andrade ignorou estas coisas; cada vez que encontrava Mendonça chamava-lhe Colombo do amor” (p.150). A expressão “Colombo do amor” faz referência ao descobridor das Américas e se refere ao fato de Mendonça ser o único homem a que Margarida amara, após a morte do marido. Dessa forma, Andrade estabelece uma analogia entre Mendonça e o famoso personagem histórico, por ser aquele o conquistador do coração de Margarida.

Um elemento que aponta para a pressuposição de um leitor contemporâneo a Machado de Assis são as referências ao contexto histórico e social do Rio de Janeiro apresentado na narrativa: “O mundo representado no conto é aquele em que o leitor real da época de Machado de Assis está inserido, o que o aproxima intensamente dos fatos narrados” (ARMANGE, 2004, p. 60). Assim, há uma identificação imediata do leitor real com o texto, fato que é fundamental para a produção de sentidos: “O carro entrara na Rua do Ouvidor; os dois subiram pela mesma rua. Logo acima da Rua da Quitanda, parara o carro à porta de uma loja, e as senhoras apearam-se e entraram” (p. 133). O trecho relaciona o nome de duas ruas na cidade, que, certamente, eram conhecidas pelo leitor real da época.

Outro recurso que instala o diálogo do leitor com o texto se refere às frequentes perguntas do narrador ao narratário, recurso que estabelece um elo com o leitor real. Considere-se o seguinte trecho: “A presença deste gentil pimpolho, achava Mendonça que salvava a situação. Mendonça queria dar esta satisfação ao mundo, isto é, à opinião dos ociosos da cidade. Mas bastaria isso para tapar a boca aos ociosos?” (p. 138). A pergunta deixa de ser um simples questionamento, visto que ela esconde uma crítica à sociedade que tem o hábito de comentar a vida alheia, para apontar comportamentos dos indivíduos, fatos ou detalhes de sua vida que não são socialmente bem vistos.

Considerando-se os aspectos observados na narrativa, é possível afirmar que Machado de Assis já concebe, no início de sua carreira como escritor, o texto como uma estrutura que deve ser construída conjuntamente com o leitor. A criação dos “leitores-personagens” (ARMANGE, 2004, p. 64), que levantam hipóteses a partir do nome Miss Dollar, é uma prova disso: o leitor real deve agir como esses leitores, ou seja, ele deve criar hipóteses e significações para o texto. Dessa forma, a narrativa possibilita dois tipos de leitura: a primeira é superficial – a qual leitores pouco críticos e pouco experientes têm acesso, pois não possuem as habilidades exigidas para apreender toda a significação do conto –; a segunda requer a perspicácia de um leitor atento e ativo, que participe, por meio de seus conhecimentos de mundo, da construção da significação do texto, preenchendo os espaços lacunares que são propostos e que não são percebidos pelos primeiros receptores⁶.

Quanto a essas duas possibilidades de leitura, Hélio Seixas Guimarães afirma que, na prosa de Machado de Assis, há uma “técnica narrativa que estabelece com o leitor uma comunicação em dois níveis de significado: um que se ajusta às convenções realistas, para uso do leitor comum, e outro que seria o nível oculto do texto” projetando, dessa maneira, “pelo menos dois tipos de leitor conflitantes – o romântico e o anti-romântico, o crédulo e o incrédulo, o estúpido e o perspicaz, etc” (GUIMARÃES, 2004, p. 197-198). Com efeito, constata-se que Machado de Assis, além de prever leitores reais, possibilita diferenciadas leituras, que se adaptam à capacidade de interpretação de seus receptores.

Sob essa perspectiva, Armange (2004, p. 62) identifica dois possíveis leitores reais: o leitor romântico – que acredita na defesa que o narrador faz de Mendonça e descarta a acusação dos narratários, não se identificando com eles –; o leitor anti-romântico – que não acredita nessa defesa, pois percebe a “ironia do emissor em relação à personagem nas pistas deixadas por ele”. A afirmação de que o médico “tem uma tendência para afeições românticas” está repleta de ironia e insinua que ele não tem bom-senso, nuance que somente um leitor perspicaz perceberá.

Como se constata, Machado de Assis transfere para a interioridade do texto sua reflexão sobre o público consumidor de literatura em meados do século

XIX, dele criando imagens concretas que permitem ao leitor atual verificar a importância que atribuía à capacidade do escritor de situar-se criticamente diante de sua atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após proceder à análise do conto “Miss Dollar”, constata-se que Machado de Assis delega, já no século XIX, um significativo papel ao leitor – que precisa ativar muitos conhecimentos prévios para preencher as várias lacunas que o texto propõe –, embora a Estética da Recepção tenha surgido, de modo sistemático, somente no século XX.

Em “Miss Dollar”, é significativamente visível a presença de narratários, concebidos a partir do leitor real, pois o texto está repleto de menções referentes à cultura ocidental, indispensáveis à educação da elite brasileira do século XIX. Além disso, há também referências a locais, ruas e costumes que contextualizam a época da escrita do conto, provocando a identificação com o leitor. Mas, o que mais chama a atenção é a criação de leitores-personagens, que expõem hipóteses sobre a figura de Miss Dollar. Percebe-se, por meio desse recurso, a habilidade e a genialidade do escritor: ele revela a imagem que tem de seus receptores por meio das pressuposições dos leitores que, por sua vez, são pressupostos por ele.

As remissões intertextuais e as menções de obras literárias, por sua vez, são utilizadas frequentemente pelo escritor para caracterizar personagens. Através desse recurso, o narrador de Machado de Assis expõe sua opinião sobre determinada corrente literária ou sobre determinado autor. Observa-se, no conto analisado, que o escritor rompe, por um lado, com as convenções românticas, mas, por outro, não se torna totalmente adepto ao realismo, não pertencendo, dessa maneira a nenhuma corrente literária. Esse fato pode ser percebido por meio das pressuposições dos leitores-personagens, em que a personagem ainda não-identificada é descrita de maneira irônica e cômica através do viés do Romantismo e do Realismo-Naturalismo. Por fim, é retratado como esperto o

leitor que não se estende em pressuposições, mas que concebe a personagem de maneira simples.

Finalmente, o caráter emancipatório e universal da literatura constitui-se em outra característica relevante de “Miss Dollar”: a atividade literária de Machado de Assis é influenciada pela vida e ao representá-la em seus textos, ele institui uma reflexão sobre a existência humana. O escritor concebe literatura como um sistema integrado, em que os limites entre o espaço restrito à vida e aos livros se diluem.

CONCEPTIONS OF READER, READING AND LITERATURE IN MACHADO DE ASSIS' SHORT STORY

ABSTRACT

Since the mid 20th century, there has been a great change of paradigm in the studies of Literature Theory. The Aesthetics of Receptions arises, advocated by Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser, who attribute the construction of the literary text to both, reader and author. Therefore, there is great change in focus of literature legitimacy, since it moves from text to reader. Observing Machado de Assis stories, it can be realized that they are favorable to this theoretical reference, due to constantly requesting the reader's participation. Based on what was formerly exposed, the present work centers on Machado de Assis' story “Miss Dollar”. The focus of the research is the emergence of issues connected to the reader, to reading and to literature, substantially the analysis in the Aesthetics of Reception. The work is divided in two stages: firstly, the review and identification of bibliography concerning the reading issue; secondly, the analysis of the reader, reading and literature of the story mentioned.

Keywords: “Miss Dollar”. Machado de Assis. Reader. Reading. Literature. Aesthetics of Receptions.

NOTAS

- ¹ Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, Universidade FEEVALE (Novo Hamburgo – RS)
- ² Doutora em Teoria Literária, professora e pesquisadora na Universidade FEEVALE (Novo Hamburgo – RS)
- ³ GLEDSON, John (org.). *Machado de Assis: Contos: uma antologia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, v. 1, p. 123. Como todas as referências ao conto “Miss Dollar” remetem a essa mesma obra, ela deixará de ser nomeada, indicando-se apenas a página no corpo do texto.
- ⁴ Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1998), só por volta de 1840, o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora, principalmente em função do desenvolvimento do capitalismo.
- ⁵ Artemísia II é uma personagem da mitologia grega que mandou construir um enorme templo sobre os restos mortais do irmão e marido, o rei Mausolo. Atualmente, o templo é considerado uma das sete maravilhas do mundo. Machado de Assis registra, em seu texto, Artemisa ao invés de Artemísia, o que, no entanto, não impede a referência à personagem mitológica pelo tema da fidelidade, que está subjacente à denominação.
- ⁶ No que tange à questão da participação do receptor, cumpre registrar que uma das características da estética realista se constitui no detalhamento da função do leitor, ou seja, há poucas lacunas a preencher, o que não permite sua atuação significativa. Apesar de obras de Machado de Assis, serem, muitas vezes, consideradas realistas, verifica-se que essa premissa não é adequada para caracterizar seus textos, uma vez que o leitor tem papel ativo na instalação de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ARMANGE, Ana Helena. *O diálogo entre narrador e narratário em contos machadianos e sua contribuição para a significação*. 2004. Dissertação (Doutorado em Estudos de Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- ASSIS, Machado de. Miss Dollar. In: GLEDSON, John (org.). *Machado de Assis: Contos: uma antologia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, v. 2, p. 123-150.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et ali. *A literatura e o leitor*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-119.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1986.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina, 1997.

SARAIVA, Juracy Assmann. Machado de Assis: diferentes facetas del cuentista. In: _____. D'ANGELO, Biagio (org.). *Papeles sueltos: Antología de cuentos de J.M. Machado de Assis*. 1ª. ed. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2004, p. 07-27.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, Ática, 1989.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

Recebido: 30 de setembro de 2011
Aprovado: 12 de dezembro de 2011
Contatos: deborabender@yahoo.com.br